



TEATRO: criação e construção de conhecimento

SOMOS NAVEGADORES

(Apenas sob a luz das estrelas ou da nossa própria natureza)

SOMOS NAVEGADORES

(Solo a la luz de las estrellas o de nuestra propia naturaleza)

WE ARE NAVIGATORS

(Beneath only the light of the stars or guided by our own nature)

Sonia Machado de Azevedo¹

Célia Helena Centro de Artes e Educação
sonia-azevedo@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3135-3442>

Resumo

As pesquisas em artes da presença, tendo como foco principal a relação impulso interior/forma externa, são mutantes e impermanentes. O registro dessas artes mora nas imagens captadas durante os processos e em momentos de comunicação com plateias. O que se tenta investigar são os diferentes modos, no aqui/agora, em que se desenvolvem fluxos vitais, que compreendem não só o passado, como também seguem sempre rumo a futuros prováveis. Tentar fixá-las é matar seu *modus operandi*; a única maneira de falar delas é por meio da poesia. Sendo assim, o trabalho da orientadora e dos alunos pesquisadores se desenvolve em ondas, maiores ou menores, que, às vezes, explodem em alto mar e, noutras, chegam de súbito a qualquer praia, mesmo àquelas que olhos humanos desconhecem. A metodologia de pesquisas que têm o eu/corpo dos intérpretes como base vai se construindo *pari passu* com o material que se deixa vislumbrar e com o que se oculta; material que depende dos dias e das estações, do estresse e do cansaço, e dos tantos acontecimentos poderosos e sutis que cercam a existência humana. Seus resultados são de relato pouco objetivo, já que ocorrem nessa delicadíssima relação que os participantes estabelecem consigo e com o coletivo. São reconhecíveis, mas indescritíveis. O estudo, ora apresentado, conta com filósofos, educadores, escritores, psicanalistas, dançarinos, sonhadores e outros pesquisadores das artes da cena como alicerce teórico do nosso pensamento. Entre eles, Rudolf Laban, Hannah Arendt, Emmanuel Lévinas, Luigi Pareyson, Gabriel Garcia Márquez, Paulo Freire, Leopold Nosek, José Moura Gonçalves Filho, Thérèse Bertherat, Eduardo Galeano, Júlio Cortázar, Pina Bausch, Eugen Herrigel, J. Guinsburg e tantos outros e outras cujos saberes vão se tornando parte de nós, de tal maneira, que até as citações dos seus escritos e a lembrança de suas obras artísticas tornam-se pensamentos que vêm deles como rios longínquos, que vão aumentando à medida que encontram novos afluentes em busca do grande mar. O mar somos. E o mar

¹ Doutora em Artes pela ECA-USP, Professora de Práticas Corporais, Pesquisadora e Artista. Autora de *O Papel do Corpo no Corpo do Ator*, *No Campo feito de Sonho* e *Odete inventa o mar*, todos da Editora Perspectiva; *Pálidos Poentes* – Casa do Novo Autor e *Trezentos e Sessenta graus ou as muitas mortes e vidas de Sofia* – Lamparina Luminosa.



seremos com aqueles que ainda chegarão do futuro imprevisível. A teorização sobre a nossa prática tentará, de certa maneira, traduzir o intraduzível.

Palavras-Chave: corpo; poesia; investigação; Rudolf Laban; presença.

Resumen

La investigación en las artes de la presencia, con su enfoque principal en la relación impulso interno / forma externa, es mutante e impermanente. El registro de estas artes vive en las imágenes capturadas durante los procesos y en los momentos de comunicación con el público. Lo que estamos tratando de investigar son las diferentes formas aquí y ahora en las que se desarrollan los flujos vitales, que comprenden no solo el pasado, sino que también se mueven hacia futuros probables. Intentar arreglarlos es matar su *modus operandi*; La única forma de hablar sobre ellos es a través de la poesía. Por lo tanto, el trabajo del mentor y los estudiantes investigadores se desarrolla en olas, más grandes o más pequeñas, que a veces explotan en alta mar, y a veces llegan repentinamente a cualquier playa, incluso aquellas que los ojos humanos no conocen. La metodología de investigación que tiene el yo / cuerpo de los intérpretes como base se construye *pari passu* con el material que se puede vislumbrar y con lo que está oculto; material que depende de los días y las estaciones, el estrés y el cansancio, y tantos eventos poderosos y sutiles que rodean la existencia humana. Sus resultados son de escaso informe objetivo, ya que ocurren en esta relación tan delicada que los participantes establecen consigo mismos y con el colectivo. Son reconocibles pero indescriptibles. El estudio, presentado aquí, tiene filósofos, educadores, escritores, psicoanalistas, bailarines, soñadores y otros investigadores de las artes escénicas como la base teórica de nuestro pensamiento. Entre ellos, Rudolf Laban, Hannah Arendt, Emmanuel Lévinas, Luigi Pareyson, Gabriel García Márquez, Paulo Freire, Leopold Nosek, José Moura Gonçalves Filho, Thérèse Bertherat, Eduardo Galeano, Pina Bausch, Eugen Herrigel, J. Guinsburg y tantos otros cuyo conocimiento se está convirtiendo en parte de nosotros de tal manera que incluso las citas de sus escritos y el recuerdo de sus obras artísticas se convierten en pensamientos que provienen de ellos como ríos lejanos, que aumentan a medida que se encuentran con nuevos afluentes. En busca del gran mar. El mar que somos. Y el mar estará con aquellos que aún vendrán del futuro impredecible. Teorizar sobre nuestra práctica intentará, en cierto modo, traducir lo intraducible.

Palabras Clave: cuerpo; poesía; investigación; Rudolf Laban; presencia.

Abstract

The research within arts of presence, having as the main focus the relation effort/shape, are mutant and impermanent. Registry of such research lives among the images collected throughout the processes and in the moments of communication with audiences. What we aim to investigate is how, in the here/now, vital flows that contain not only the past but walk towards futures are developed. To attempt to fix them is to kill their *modus operandi* - the only way to talk about them is through poetry. Thus, the work of the conductor and the researchers-students are developed in waves, tidal or wavelets, that sometimes burst in the middle of high seas and in other occasions suddenly arises in any given beach, even the ones unknown by human eyes. The methodology of researches that uses the I/body relation of the interpreters as basis is built *pari passu* with the material that shows glimpses of itself and the one that hides - material that depends on the days and the



TEATRO: criação e construção de conhecimento

seasons, the stress and the tiredness, and on the many powerful and subtle events that surrounds human existence. Its results can be presented in not so much objective reports, considering their occurrence in this very delicate relation that the participants create with themselves and their collective. They are recognizable, but indescribable. The study here presented relies on philosophers, educators, writers, psychoanalysts, dancers, dreamers and other researchers of the scenic arts as a theoretical basis of our thoughts. Among them, Rudolf Laban, Hannah Arendt, Emmanuel Lévinas, Luigi Pareyson, Gabriel Garcia Márquez, Paulo Freire, Leopold Nosek, Thérèse Bertherat, Eduardo Galeano, Júlio Cortazar, Pina Bausch, Eugen Herrigel and so many others whose knowledges become part of us, in such way that even quoting their writings and the memories of their artistic works become thoughts that come from them like far away rivers that enlarge as they found new affluents searching for the great ocean. We are the sea. And the sea we will be with those yet to arrive from the unpredictable future. The theorizing of our practice will try to, in a certain way, to translate the untranslatable.

Keywords: body; poetry; investigation; Rudolph Laban; presence studies.

*El mundo no está hecho de átomos,
está hecho de historias*
Eduardo Galeano

Eu sempre amei as histórias.

Minha mãe contava histórias na hora de eu dormir e eram histórias que ela ia inventando a cada noite...Me lembro que ela ia se perdendo nelas com ar sonhador como quem navega em alto mar. Na maioria das vezes, eu dormia com sua voz doce nos meus ouvidos...e às vezes ela dormia...Então eu mesma tinha que seguir viagem: decifrando os enigmas, achando um final ou outro, descobrindo personagens e seus caminhos.

Minha mãe me ensinou a navegar na imaginação, completando as brechas dos acontecimentos como se estivesse sonhando, como se estivesse num barco, mais ou menos e deliciosamente, à deriva. Dela e de meu pai, herdei o amor pelos livros e pela leitura, pelas coisas do mundo e pelas pessoas. Sempre com um pouco de medo pela imensidão de tudo.

Passei toda a minha vida lendo antes de dormir e posso perceber como meus pensamentos vão deslizando para dentro dos livros, escorregando para dentro do sono, conversando lenta ou ardentemente com as personagens dos romances, rindo e chorando com elas, tentando inutilmente alterar o sentido das tramas ou concordando com elas como se eu mesma estivesse, no momento, escrevendo. Sim, eu converso com os livros, com as personagens e autores de cada livro que leio. Isso alarga a minha vida. E sinto saudade de alguns deles. Preciso tê-los por perto como pessoas muito queridas.

Tenho com cada livro uma conversa ininterrupta e sei que, com muitos deles, essa conversa durará para sempre. Com Gabo, o escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez, sempre foi e sempre será assim. Releio *Cem anos de solidão* há décadas. E quando me perguntam por quê, a resposta vem simples e rápida: porque preciso.

Para mim, a arte e a cultura são necessidade de sobrevivência. Tanto os

AZEVEDO, Sonia Machado de. Somos Navegadores
Teatro: criação e construção de conhecimento, V. 07, N. 1, 2019, p. 88-102
Organização de Dossiê: Prof. Dr. Sérgio de Azevedo
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento

processos de criação, como as mais diversas formas de recepção fazem parte do meu percurso como professora, artista e pesquisadora. E sempre foram parte da minha vida desde pequena, das minhas perguntas e do meu jeito de viver e trabalhar.

A necessidade de contato, de um contato fundo e definitivo com o outro está na raiz de toda verdadeira criação. Nossas primeiras necessidades são uma urgência de alteridade, de compreender o mundo, os objetos e seres desse tão vasto mundo que habitamos. E se do corpo de uma mãe saímos, um pouco atordoados com as novidades do viver em solidão, demoramos a perceber e aceitar esse fato: nosso eu/corpo, os contornos desse eu nascido para ser um separado do ser que nos deu à luz.

Que somos uma solitária unidade, vamos aprendendo a duras penas desde o início das nossas vidas. E cedo aprendemos a jogar um jogo sem fim com o outro, um jogo imprescindível e maravilhoso, até que nos reconhecemos pessoas únicas, como nunca houve nem haverá outra igual.

Aprendemos assim que estamos em conexão com outros, como nós mesmos nos sentimos, embora sempre sós.

Nosso corpo, esse universo infinito, a casa que habitamos nesta terra, será sempre, em parte, o grande desconhecido. Somos exploradores de nós mesmos num vasto mundo de ideias, desejos, sonhos. Somos terra a ser percorrida, desvendada, percebida. Pulsação, rios de sangue correndo nas veias e o vento constante dos nossos pulmões nos dão a dimensão e a preciosidade de uma vida com começo, meio e fim.

Nunca conheceremos todos os lugares desse pequeno lugar habitado, nunca poderemos nos ver como os outros nos enxergam. Somos muitos num só corpo e

nossas vidas se vão assim compondo instante a instante, sempre junto *com*. Juntos somos feitos e da mesma poeira de estrelas...acho bonito pensar assim.

Aprendi desde muito pequena a olhar o mundo e a olhar os que me cercavam: olhava as frutas amadurecendo nos galhos das árvores, as tempestades se avizinhandando, o vento sacudindo as janelas da casa, minha mãe cuidando dos bebês que se sucediam a mim, a mais velha, as estações de cada ano em sua passagem: os cachos de uva amadurecendo e trazendo o verão, os laranjais chamando o inverno enquanto as jabuticabas adoçavam minha boca a cada outono, e as rosas balançavam ao vento leve da primavera.

Observava meus irmãos: cada qual tão diferente do outro, no choro, nas tentativas de aprender a andar, nas quedas e nas risadas. No temperamento mais tranquilo ou agitado.

Fui criada solta num enorme quintal e vivia pendurada nos galhos mais altos. Deve ter vindo desses tempos de pequena a misteriosa fascinação pelas pessoas, seus corpos, seu jeito de ser, seus rostos, seu olhar e suas risadas. Desde pequena eu olhava. Uma menina tímida, solitária e atenta ao que me cercava olhando e tentando entender. A curiosidade pelas coisas do mundo nasceu comigo, as noites de céus muito estrelados, as tempestades de verão, a lama no quintal, as galinhas correndo nas poças de água fugindo nunca soube do quê, um cachorro uivando para a lua cheia.

Via também o sofrimento cravado num olhar, a tristeza morando nuns ombros caídos, num andar inseguro do homem que passava pela minha rua. Via a humilhação, o desamor, a injustiça. Isso eu via mais ainda quando visitava minha avó, em São Paulo.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Naqueles tempos, uma criança podia andar sozinha pela cidade. E era cidade pequena aquela em que eu morava. Eu estava por toda parte olhando as ruas, as casas e as pessoas e todos me conheciam; gostava de ver como eram e como viviam, gostava de observar e contemplar tudo o que estava à minha volta. Ainda gosto.

Só muito mais tarde fui perceber que essa maneira quase escondida de ser era já uma conversa, um diálogo com o outro que eu precisava ter e que venho desenvolvendo ao longo da minha vida. Uma conversa cheia de perguntas, muitas delas sem resposta.

Um diálogo tantas vezes silencioso. Uma conversa como quem dança, uma conversa amorosa, uma conversa cheia de ternura.

De que forma poderíamos crescer (em todos os sentidos que esse verbo carrega), existindo nesse mundo lindo e cruel, sem olhos que nos acompanhassem e cruzassem com os nossos na profunda solidão que se faz sentir na própria vida, sem poder repartir e compartilhar toda a emoção que é viver?

Uma vez, li em algum lugar que Federico Fellini, o grande cineasta italiano, tinha o sonho de, ao envelhecer, voltar à aldeia de Rimini onde nascera e fora criado e, com sua velha máquina de filmar, sair pelas encostas e pelo vilarejo, começando tudo de novo, como em criança, a brincar que filmava, filmando ao acaso, pelo simples prazer de filmar. Por algum motivo, fiquei muito emocionada ao ler isso, e nunca mais esqueci esse fato.

E conto isso porque percebi, no ano passado, que tinha retornado ao início de minha vida profissional como professora artista (assim me via e me vejo), voltando a viver com meus tantos e jovens alunos a experiência de sondar a vida nos seus atropelos e incógnitas, humilde e apaixonadamente desaprendendo a cada dia

inúteis certezas e buscando, a cada aula e encontro, um novo amanhecer. Dando aulas tranquila e descalça como se brincasse num grande quintal.

Notei também que construía com eles histórias corporais (posso chamar também de performances ou pequenos improvisos, até mesmo partituras) que nunca tinham fim, como as histórias que minha mãe contava. Assim sendo, sigo procurando neles e em mim as marcas que o afeto deixou gravado e continua deixando ao longo das nossas vidas, umas mais alegres, outras mais tristes, umas mais longas, outras mais curtas.

Procurando – nem sei se procurando – deixando que surjam imagens de ontem ou de outrora que ficaram em algum lugar registradas, num abraço aguardado ou inesperado, num olhar gentil ou agressivo, marcados na lembrança que os nossos corpos gravam, porque sim, e nas que são esquecidas às vezes, também porque sim.

Apenas, curiosos, investigamos, pois somos uns o material trazido pelos outros e que, de tão diferente dos nossos, chega a parecer exatamente igual. E assim somos descobridores de nós mesmos em processos sempre coletivos. Como dizia Vianinha a respeito dos artistas:

viemos aqui cumprir a nossa missão
de artistas
não a de juízes do nosso tempo
a de investigadores
a de descobridores
ligar a natureza humana à natureza histórica
não estamos atrás de novidades
estamos atrás de descobertas
(Viana Filho, 1999, p. 19)

Estamos sempre à procura. De quê? De nós mesmos e daquilo que há em nós que precisa ser contado, repartido, desenhado no de fora, em torno da carne e dos contornos todos dos corpos, nos olhos, cada vez mais



TEATRO: criação e construção de conhecimento

iluminados pela delícia do falar, das cenas que vão sendo tecidas com fios mais ou menos grossos, mais ou menos luminosos ou frágeis, coloridos ou sem nenhuma cor.

Buscamos um como falar, como contar, como tocar o outro em seu mistério de ser gente como nós, sujeitos às intempéries dos oceanos e à rotina dos dias.

Acho bonitas essas pesquisas a que todos os artistas da presença se propõem. Elas nunca têm fim, têm apenas etapas de viagem, como são as estações nas quais um trem vai parando e às quais sobem e das quais descem os passageiros, cada um a seu tempo e a sua maneira; nunca podem ser traduzidas em outra linguagem e nunca podem ser inteiramente explicitadas. E é por isso que nos chegam como um segredo que se deixa revelar só um pouco e nunca completamente; são enigmas como os dos sonhos noturnos que fazem com que fiquemos, às vezes, passeando pelo dia como se fôssemos sonâmbulos, vivendo nessa zona intermediária entre a vida prática e as fantasias, como quem vive nas madrugadas, entre os dias e as noites.

Somos todos pesquisadores, meus alunos e eu. Pesquisamos nossa existência e buscamos formas claras e potentes que possam dar conta de traços, recortes, pequenas histórias que nos dizem a nós mesmos, todo o tempo, quem somos.

Mas, para falar de um agora, preciso voltar rapidamente no tempo até a noite em que, assistindo um espetáculo no Teatro de Arena, a atriz Dina Sfat² me olhou. Sim, ela olhou diretamente nos meus olhos e eu nunca mais pude esquecer aquele olhar. Ela

falou comigo. Falou diretamente e só para mim. E eu entendi. Entendi porque seu olhar respondia a questões que eu ainda nem sabia estarem em mim, esperando a hora certa de virem à tona. E a hora foi aquela: algum tempo depois, eu prestava vestibular para a recém-criada Escola de Comunicações e Artes da USP.

Décadas depois desse acontecimento que mudou a minha vida, colocando-a nos trilhos que sempre foram os meus, busco responder, com os participantes do meu núcleo, a essa pergunta sempre mutante: como dar forma ao que em mim (e no outro) de mim mesma se esconde (e dele) e como tocar esse outro que me observa na sua imensa solidão de um eu corpo em vida, sujeito ao tempo e aos limites do tempo?

Durante meus estudos para o doutorado defendido em 2005, conheci um filósofo que me acompanha até hoje: Emmanuel Lévinas.

Para mim ele é tão difícil de ler quanto de compreender, mas quando fala do seu conceito de “rostro”, eu entendo o que ele diz. O rosto não são os traços fisionômicos, mas tudo o que caminha com ele, junto a ele, como algo colado, mas que, ao mesmo tempo, flui sem parada, para uma vida que vem de muito antes e segue para um futuro distante. Ele fala de eternidade e finitude, de amor e compreensão. Fala da nudez do rosto, de sua enorme fragilidade e beleza, da sua exposição à morte.

Só o instante pode ser captado no rosto e já se encontra perdido e novo instante chega e já se vai. A vida é preciosa demais para que não nos olhemos como pessoas únicas que podem ajudar-se mutuamente nessa nossa breve viagem. Lévinas me ensina o amor e a compaixão. Ele me ensina o caminho dos afetos no trato com o mundo, as pessoas e a arte.

² Atriz já falecida. O espetáculo referido era Arena conta Tiradentes. Teatro de Arena, 1967.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Entendo também quando ele diz que a gente deve se aproximar do outro e olhá-lo como se fosse à meia luz porque a claridade demasiada distorce a percepção. E mesmo havendo íngremes arestas nesses contatos, ninguém é impossível de ser tocado. Pode-se sempre encontrar um caminho mais doce e menos invasivo de fazer isso.

No trabalho do Núcleo de Pesquisa da Presença,³ tratamos de desenvolver essas conversas intermináveis sobre os dias, as horas, a rotina dos dias, a realidade das horas e das pessoas procurando, a partir daí, como dançar nossas perguntas e sonhos, como contar de uma maneira que já possa ser chamada de arte, porque numa mesma ação performativa fisicaliza imagens ao mesmo tempo em que as transforma.

E a forma que esse material toma importa. São impulsos que encontram suas vias de manifestação no mundo exterior. E isso é Rudolf Laban⁴, meu guia de toda a vida. São esforços tornados forma, desenhos e contornos, são o mundo invisível em toda a sua complexidade e imensidão, mostrando-se material e visível aos nossos olhos e aberto à nossa percepção.

Outro dos meus companheiros de pesquisa é Luigi Pareyson. Com ele, consegui nomear processos de difícil explicação. Pareyson desenvolve a teoria da formatividade. Para ele, a atividade do artista vai sendo conduzida pelo desejo de descobrir a melhor forma ao mesmo tempo em que a

investiga e faz suas perguntas à obra que vai sendo construída.

“O artista não tem outro modo de exprimir senão o produzir e não diz senão fazendo: a sua espiritualidade é gesto formante”. (Pareyson, 2001, p. 64). Nos processos de que tratamos essa produção pode ter várias etapas e insucessos ou acontecer de pronto, de imediato, como uma surpresa que apenas vem à luz na pele do seu criador. E somente ele pode dizer se a obra está terminada.

Ao longo dos anos fui tendo a sorte de encontrar muitos amigos que me acompanham na minha caminhada e aos quais desejo sempre agradecer e Pareyson, sem dúvida, é um deles; artistas plásticos, poetas, romancistas, filósofos, professores compõem uma longa lista. Alguns conheci pessoalmente, outros é como se os houvesse conhecido tão parte fazem da minha vida, tão indispensáveis são como que marcando meu sentir-pensar para sempre.

Houve outros motivos que me levaram a fazer a faculdade de teatro e, mais que isso, a desejar para o resto da minha vida trabalhar o corpo do ator, mas, sem dúvida, o olhar de Dina foi o mais decisivo. Saí na noite a caminho de casa, sabendo-me definitivamente sem rumo. Eu precisava descobrir o que tinha acontecido comigo ali, naquela sala pequena, e como alguém podia atingir o outro de forma tão potente e tão completamente amorosa.

Entrei na ECA – Escola de Comunicações e Artes em 1969, em plena ditadura, há cinquenta anos. Nem eu mesma consigo acreditar nisso porque o tempo passou tão depressa, depressa demais, que às vezes penso que é tudo um sonho dentro de outros... decidi viver apenas o instante e deixar o passado como passado

³ O Núcleo de Pesquisa da Presença, coordenado por mim e situado no Célia Helena Centro de Artes e Educação, é formado por alunos, ex-alunos e integrantes da comunidade. Desenvolve pesquisas individuais e coletivas, tendo em vista processos de criação e experimentação ligados à presença do intérprete em cena.

⁴Coreógrafo, dançarino, teatrólogo e musicólogo. Pesquisador. Autor, entre outros livros, de *O Domínio do Movimento*. Considerado o pai da dança-teatro.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

simplesmente, para recordar, para ter saudade.

No entanto, vivo de revelações. Penso nesse momento que todo pesquisador artista, que investiga com seus alunos e os leva a navegar pelos caminhos – que um dia navegamos, mas que eles conhecerão ao seu modo (mesmo porque os velhos caminhos não existem mais) – pode ser um professor de arte bom o suficiente. Essa expressão, de que gosto muito e que vem de Donald Winnicott, nos dá a medida da nossa humanidade e, conseqüentemente, da nossa sempre continuada e humana imperfeição.

O professor de arte é um artista sempre em pesquisa que navega junto com seus alunos. Ele, de certa forma, conhece o mar. Um pouco do mar. Talvez a essência instável e mutante do mar. E conhece também sua imensidão. Um pouco dessa imensidão. Sabe dos riscos e do fascínio de velejar, da ausência dos ventos e dos ventos fortíssimos que podem chegar trazendo a tempestade. Sabe da natureza das ondas, bem como da sua própria natureza.

Sendo assim, ele pode ser um bom guia: flexível e atento, olhando o céu e o horizonte à sua volta toda, incentivando seus alunos a sempre buscarem mais. Cada um, cada um. Cada um a seu modo e maneira com suas histórias, caminhos e caminharas, em passos tão diversos e em tantas e impensadas direções.

Quando comecei este artigo pensei que escreveria sobre meu atual trabalho com Laban e a partir dos meus jovens alunos do Célia Helena Centro de Artes e Educação. Seria mais fácil refletir sobre meu trabalho a partir do meu novo e pequeno livro que chamei “as vinte e nove cartas” e que será publicado em 2020 pela editora Perspectiva.

Mas há uma pesquisa mais radical e individualizada que realizo também com meus alunos-pesquisadores: os iniciantes da graduação, os do curso técnico, os que estão terminando a faculdade e os já formados, que acontece no Núcleo de Pesquisa da Presença – NPP.

Digo que é mais radical ainda que o curso regular de Práticas Corporais, porque nesse núcleo não há o que deva ser ensinado ou experimentado, mas há todo um mundo a ser apreendido. Também por mim. Venho trabalhando nisso há já um bom tempo e sempre me sinto estar começando, porque a cada ano chegam novas pessoas, trazendo suas questões para investigar, seus próprios mares para navegar, suas próprias águas a mergulhar tão fundo quanto puderem e desejarem. E eu me cerco de dúvidas quanto ao encaminhamento de uma ou outra cena. O trabalho une desejo e liberdade para parar, seguir adiante, entrar em curvas e desvios, e liberdade até mesmo para desistir. E como são em tudo tão diferentes e iguais essas pessoas que vêm por puro desejo!

É uma oportunidade rara poder trabalhar assim! Não há prazos nem obrigações, não há notas e as faltas podem acontecer se algo mais importante aparecer. O participante decide: estamos sempre exercitando também nossas escolhas.

Esse estímulo à autonomia criativa e a tomada de decisão sobre os rumos das nossas vidas são também exercitados ali, sem comparações, sem cobrança de nenhuma espécie. Há alguns acordos: respeito mútuo, ausência de julgamentos de qualquer ordem, nenhuma comparação com outros trabalhos apresentados, na certeza de que o objeto deve ser visto em si mesmo, levando-se em consideração a intenção de seu autor e o fato de ele ter conseguido (ou estar conseguindo) chegar perto do que deseja.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

A cada semestre, abrimos as portas e revelamos a nós mesmos e ao público o que estamos fazendo, em qual ou quais sentido(s) rumamos na nossa sempre inquieta vida de buscas poéticas. Os caminhos das pesquisas individuais e grupais não são uma linha reta, nem podem ser previstas como se faz numa ciência exata: muitas vezes nos desviamos por caminhos tortuosos que nos levam a outras direções e outras perguntas, mas, em algum momento, descobriremos o porquê. A intuição nos leva, a imaginação e até mesmo fatos cotidianos e sonhos respondem a nossas questões, mesmo que tempos depois.

Uma pessoa pode ficar anos conosco e outra apenas um semestre. Não há problema. Alguém tem uma pergunta crucial e que se mostra urgente, outra pessoa está ali para procurar sua pergunta, visto que os artistas têm inquietações não reveladas. Elas atordoam nossos dias e tiram nosso sono de noite transformando-nos em seres sonolentos durante todo o dia. E os jovens também têm perguntas que a arte, não só a dança e o teatro, mas todas as artes ajudam a detectar e encaminhar. E essas coisas todas são desenhadas no corpo e doadas a nós que estamos olhando, também em busca de nós mesmos nessa relação expressiva com o mundo.

A pesquisa em arte é sempre uma utopia pois busca um horizonte inalcançável. Mas é assim que seguimos, um passo depois o outro, juntos e sozinhos. Juntos com as inquietações comuns e sozinhos com nossos sonhos e pesadelos. De qualquer maneira, terá que ser assim: a cada pergunta respondida novas perguntas se acotovelam para ter a nossa atenção.

Em que direção seguimos? Em busca do nosso próprio lugar no mundo, em busca do

sentido para nossas vidas, em busca de um si mesmo. Em meu doutorado, defendido na ECA em 2005 ⁵, descubro fascinada que as modificações sugeridas por um trabalho em arte (no caso, o teatro) nos levam; não nos modificam, apenas nos levam em direção a nós mesmos, ao que éramos ou deveríamos ser, antes que a educação, tantas vezes castradora e desastrosa, nos moldasse.

Lembro sempre de um maravilhoso livro, *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*, de Eugen Herrigel, em que o arqueiro se prepara arduamente e depois fica à espera de que algo aconteça. Falando do tiro com arco, o autor diz: “A natureza dessa arte se revela unicamente neste combate do arqueiro contra ele mesmo.” (Herrigel, s.d., p. 17).

Nesse momento da minha vida, muito especialmente, tenho mais ouvido as pessoas, olhado muito para elas e buscado escutar o que estão falando, do que de fato precisam. Isso, penso, é tarefa de um professor, talvez de todo professor. Mas o professor de arte sabe da importância de cada indivíduo que está perto de si e de suas descobertas., como, de fato, cada um de nós pesquisadores está.

Tenho lido mais romances que teorias em geral. Tenho procurado nos romances que às vezes leio e releio significados ocultos, uma compreensão maior de nós, seres humanos, e todas as nossas contradições. Teorias a respeito de como ensinar nascem das práticas, assim como as técnicas. Mas, para mim, seguir princípios de trabalho é uma base boa para a criação. Princípios não cerceiam nem indicam caminhos únicos, pelo contrário, garantem liberdade ao caminhante.

⁵ No campo feito de Sonhos. Editora Perspectiva, São Paulo: 2017



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Tenho, numa quase volta a uma adolescência tardia, questionado muitos dos valores da academia, as referências inumeráveis que são citadas igualmente em tantos trabalhos e que, de fato, tantas vezes, tão pouco significam para a obra que os elencou ou para o pesquisador, que tão desesperadamente os citou.

Preciso da conversa entre iguais, sinto/sentimos necessidade das histórias, as contadas em torno da fogueira em noites mais ou menos escuras. Muitas vezes, no núcleo, nós nos percebemos emocionalmente aquecidos em torno dessa fogueira imaginada, da infância, do eterno retorno ao colo de nossa mãe. No sítio, de quando eu era pequena, nós costumávamos nos sentar no pátio e, nas noites quentes, sob a luz das estrelas, ouvir as histórias que meu pai ia contando como se as tecesse em meio ao mistério da noite; eram histórias cheias de magia e medo. Eu tinha medo e fascinação por elas e por aqueles momentos em que todos estávamos tão juntos e o céu estrelado parecia tocar a terra.

Lembro de ficar muito triste, às vezes, porque sabia (eu sempre soube) que momentos assim não durariam para sempre.

Assim também no nosso núcleo, muitos dos projetos investigados pelos participantes voltam-se para a família, na descoberta de origens e raízes, e muitos resultados emocionantes surgem a cada semestre.

EM BUSCA DA NOSSA PRÓPRIA NATUREZA OU DA NOSSA PRÓPRIA NATUREZA À NOSSA NATUREZA DE ARTISTAS DA PRESENÇA

Antes de falar sobre a pesquisa que realizo nos últimos anos, contando um pouco seus objetivos e seus encaminhamentos, devo voltar no tempo. Sou de uma cidade pequena chamada Cerquilho em que as pessoas tinham, pelo que me lembro (nessa memória

que tudo recria e reinventa), tempo para ouvir as uvas amadurecendo nas parreiras e tempo para esperar que as mangas amadurecessem nos galhos mais altos das mangueiras. Tempo para visitar os amigos a qualquer hora. Tempo em que o único telefone era um telefone público aonde íamos, aos domingos, ligar para minha avó Emília, que morava em São Paulo.

Havia (pelo menos isso é certo nas minhas lembranças) tempo para conhecer as pessoas, para viver a vida e acompanhar a morte dos seus habitantes. Lembro que nós, as crianças, ficávamos sabendo de tudo e de tudo participávamos: dos casamentos, dos batizados, das festas de aniversário e dos enterros. Era uma vida em proximidade com o mundo das coisas e de todas as pessoas.

Dessa época da minha vida me veio a necessidade de continuar a viver uma rede de afetos que se vai tecendo, emendando realidade, trabalho, lazer e sonhos. Os sonhos dormidos e os acordados. O trabalho como professora de corpo, descalça em sala de aula, me leva de volta à minha infância e com ela uma perene curiosidade sobre as pessoas e suas formas tão diversas de ser e viver.

Descobri o Budismo nos anos oitenta e por intermédio do teatro, ao ser convidada para fazer assistência de direção e preparação corporal de um trabalho que se chamou “Bardo”⁶ e foi desenvolvido a partir do Bardo Thodol, o livro sagrado do budismo tibetano. De imediato, estabeleci as pontes que minha alma, naquele momento e para o resto da minha vida, precisava e precisaria. O silêncio, a meditação, a atenção aos menores e aparentemente insignificantes detalhes do mundo, a observação, a contemplação. A experimentação da escuta da própria respiração, da chuva, do trânsito, de tudo.

⁶ Teatro de Arena. 1987. Direção Wanderley Martins.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Hoje em dia sei que tudo isso faz parte da minha própria natureza e, então, vida e arte se completam. Os espaços das aulas de práticas corporais seguem os mesmos princípios dessa presença no mundo: vivendo a preciosidade de cada instante vivido; conhecendo e experimentando a compaixão e a empatia para com o outro, todos os outros que compartilham conosco esse mesmo destino nessa terra.

A dança – descoberta por mim como arte na década de 1970 – e especialmente a dança moderna experimentada, a partir dos princípios de Laban, nas maravilhosas e delicadas aulas de Cybele Cavalcanti e seus seguidores – trouxeram consigo uma direção certa de vida. Era a volta ao meu quintal de infância, o retorno ao mundo simples dos pés no chão, da espera das chuvas e dos ventos, das brincadeiras de se balançar nos galhos mais altos das.

Laban é o respeito à nossa própria natureza e é também a pesquisa sem fim de tudo que ela, em nós, resguarda da destruição imposta pelos sistemas econômicos e políticos e de uma educação tantas vezes rígida e massacrante. O sistema Laban pede o jogo, a alegria e o susto da troca com o outro, das infinitas trocas que só o afeto traz e traduz. E o respeito à natureza que há em cada um de nós, nosso próprio jeito de ser.

Entre esses princípios do sistema figuram: a liberdade de cada pesquisador e pesquisadora, a atenção à sua própria natureza e suas exigências, o rigor de busca da relação interior (mundo invisível) e forma exterior (visibilidade) e o desenvolvimento dessa percepção, ao mesmo tempo infinita e mínima, da atenção à respiração e ao corpo do outro bem como o respeito à própria humanidade e consequentemente, à do outro, com seus limites, certezas e incertezas.

Escolho falar da minha vivência no Núcleo de Pesquisa da Presença, porque não parei ainda ao longo dos anos para escrever sobre ele e porque penso que encontro nessa narrativa exatamente o que penso/sinto/desejo que seja uma relação de ensino/aprendizagem com base no humanismo e no amor.

Começamos a trabalhar em 2012. Nos primeiros meses, fomos descobrindo juntos os caminhos da nossa pesquisa. Havia dias de estudo teórico e dias em que construíamos exercícios que nasciam a partir de frases de movimento. Estudávamos, líamos, discutíamos e praticávamos.

As primeiras experiências com a pesquisa em grupo (2013) buscaram personas, a partir dos sem voz, seres invisíveis à sociedade, aos quais daríamos, de certa forma, espaço de fala, de certo modo lutando por eles.

O difícil exercício da empatia era nosso principal objetivo. Moreno⁷ nos ensinou a olhar o mundo partindo da perspectiva do outro, de todos os outros que não éramos. Essa pesquisa trouxe performances enigmáticas que aconteceram em todos os lugares da escola. Essas personas, entretidas em si mesmas, ensimesmadas, percorreram as calçadas e misturaram-se aos alunos causando estranhamento e muitas perguntas.,

Em 2014, continuando a pesquisa do ano anterior, apresentamos uma ocupação artística, chamada *Horizontes Escorregadios*, como resultado das nossas inquietações naquele ano.

Esse trabalho oferecia uma colagem de pessoas que, sempre sozinhas, vagam pelas

⁷ Jacob Levy Moreno (1889 – 1974) – criador do Psicodrama e das terapias psicodramáticas.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

grandes cidades, e foram trazidas pelos participantes, não como personagens, mas como figuras das quais muito pouco se sabe de fato. São imagens corporificadas, seres que soam e ressoam através dos corpos, pessoas que parecem escorregadias ao observador, difíceis de compreender, mas que podem iluminar nossa imaginação. O fato de se mostrarem como enigmas, como aqueles advindos dos nossos sonhos, podem interferir nos nossos dias com suas vidas apenas imaginadas, porém plenas de potência significante.

No ano de 2015 os alunos pesquisadores e eu nos dedicamos à pesquisa do movimento cênico com ênfase no trabalho de criação individual como alicerce do trabalho coletivo do grupo. Apresentamos nossos resultados no mês de junho em forma de um espetáculo que tinha, como característica principal, acontecimentos encadeados e não ensaiados, para promover nos participantes o susto do não-saber o-que-será e a não-representação. A ênfase, dessa vez, era no uso da energia, ou em como organizar os esforços para chegar aos fluxos de ação física desejados.

Durante o ano de 2016, os encontros nos levaram à criação de um espaço como os dos sonhos, onde imagens se sucediam sem ordem nem sentido aparente. O sentido dessas imagens é procurado pelo sonhador e igualmente por seu público. Há tantos significados quantos são os receptores. A pesquisa durou todo o ano, com duas aberturas de processo: a primeira com a “Sala para sonhar”, uma imersão performática e a segunda, “Sonhos em tramas de retalhos”. Todos observamos que a atenção que dedicamos aos nossos sonhos nesse período fez com que aumentassem significativamente em frequência, extensão e intensidade.

O início de 2017 nos trouxe inquietações bastante doloridas com relação à sociedade e ao momento político. Voltamo-nos para o

amor. Foram criados solos respondendo à pergunta “O que é o amor?”, visando buscar o sentido (ou os sentidos da vida) nas relações amorosas. Esse trabalho foi apresentado no EPA – Encontro de Propostas Artísticas e na Semana de Iniciação Científica da faculdade durante o primeiro semestre. Solos e duos se sucederam num pano de fundo coletivo, ora cheio de entusiasmo, ora desgastado pelos acontecimentos.

No segundo semestre desse mesmo ano, decidimos enfrentar uma pesquisa mais propriamente técnica, partindo do mesmo tema do início do ano. Estudamos as dinâmicas propostas por Rudolf Laban, encontrando, nas qualidades do movimento, novas possibilidades de exploração dos conteúdos desejados. Investigações individuais ligando o tema amor à pesquisa de movimento de Laban – muito especialmente ligadas às dinâmicas propostas por ele e às diversas tentativas em dança de responder à pergunta já mencionada – foram os estudos práticos que fizemos.

O ano de 2018 trouxe consigo uma nova pergunta: como a gramática proposta por Laban pode encaminhar diferentes intérpretes em diferentes linguagens poéticas? Buscamos então a poesia encarnada: o corpo dos performers como espaços alargados de comunicação com o público e seu desejo de tocar/dizer/contar/perguntar...Partimos de estudos que envolviam a nossa própria natureza. E a performance se chamou “Da natureza das árvores”.

A pesquisa deste ano em curso (2019) trouxe um grupo bastante grande e diversificado: vinte e seis pessoas, desde as muito jovens, com seus dezessete e dezoito anos (da faculdade e do curso técnico), até alunos em ano de formatura e outros já formados. Já no primeiro encontro, o tempo,



TEATRO: criação e construção de conhecimento

como tema surgiu e não nos abandonou mais. Afinal, qual é o nosso tempo? O que fazer nesse tempo que nos é dado? Como vivê-lo? No nosso oitavo encontro, participamos da Semana de Iniciação Científica da faculdade, apresentando cenas em processo, algumas bem no início, e chamamos a essa pesquisa “O Tempo do Mundo (nosso tempo)”. Foram apresentadas treze cenas, costuradas no dia, e organizadas por mim, pensando em oferecer algum tipo de leitura à plateia.

No momento em que escrevo este artigo, estamos descobrindo o que alguém chamou de “os corpos desumanizados”. Esse é um trabalho cênico coletivo e está sendo dirigido por uma aluna pesquisadora e um pouco por cada um/uma de nós todos/todas.

Muitas vezes, me pergunto se não devia dirigi-los mais, ou se devia deixar de abrir nossos processos para proteger especialmente os participantes mais novos. Existe uma certa cobrança, minha inclusive, quanto à forma final das pesquisas, já que estamos num Centro de Artes e a partir do fato de que se convidam pessoas para assistir às apresentações. Sempre me pergunto se devo divulgar trabalhos ainda quase sem forma, mas constantemente o tempo (sempre ele) cobra de mim delicadas decisões. Há uma pesquisa que é minha, de toda a minha vida, claramente direcionada, e há aquelas que cada um dos participantes traz; às vezes, necessidades mais simples e, em outros casos, muito sérias, que demoram a vir à luz. Na dúvida, sigo os desejos e necessidades deles, porque, no fundo, é teatro, que só se completa com o público.

Tenho pensado, nesses últimos e difíceis tempos que vivemos, que a verdadeira pesquisa do professor são suas aulas e são sempre a pesquisa de si mesmo e de toda uma vida e sua relação, mais ou menos curiosa, mais ou menos apaixonada, mas sempre ética, pelo conhecimento: assim como

é a pesquisa na arte, assim como acontece a produção de um artista, simplesmente porque tem que acontecer.

Porque educar não é ensinar conteúdos nem técnicas prontas nessa terra do Google e seus parceiros, é pensar junto, é duvidar e procurar, refletindo sobre o mundo; é avaliar a importância do conhecido, é construir com autonomia novos saberes, que talvez nem sejam novos, mas são atualizados a cada experimento, vestem figurinos novos a cada “estreia”. É deixar de se levar por julgamentos que vêm de velhas escolhas e de velhas histórias que já perderam sua importância. A escuta do outro se dá na mesma medida e é um diálogo mais ou menos estreito com o mundo em tempo real.

Hannah Arendt com quem tanto aprendi tem um trecho lindo sobre educação em seu livro *Entre o Passado e o Futuro*⁸, em que aborda o novo mundo trazido pelos novos seres que chegam todo o tempo. Eles trazem para esse mundo já existente todo o novo que consigo carregam. Todo pai e toda mãe e todo educador têm que escutá-los em sua sabedoria, trazida apenas pelo fato de simplesmente chegarem, vindos de muito longe, para nós, para o agora. Eles trazem um mundo novo, novas perguntas que exigem de nós novas respostas. Muitas vezes, do lugar em que estou, fico maravilhada com tantas coisas que eu jamais imaginaria, tantas novas questões, modos de ser, viver e amar. Meus alunos pesquisadores riem quando quero entender mais. Fico feliz porque eles são bons professores e dominam lugares do mundo que eu apenas vejo mais ou menos a distância tentando arduamente entender.

E todos eles, ao descobrirem sua pergunta, aquela que vai nortear os próximos anos de suas vidas, sempre se mostram

⁸ Capítulo cinco, intitulado “A Crise na Educação”.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

surpresos. Sim, eu mesma descubro a cada dia os motivos pelos quais estou no lugar onde estou trabalhando naquilo que trabalho, do modo como trabalho.

A descoberta do lugar, do meu/seu/nosso lugar no mundo é complexa e é preciso uma escuta atenta de si no silêncio das madrugadas, na conversa com os outros, nas caminhadas pela cidade e seus apelos, para que se descubra enfim o seu lugar no mundo, aquele que dará rumo e significado às suas existências.

Entre a orientadora/professora (eu) e seus alunos e alunas pesquisadores existem mundos girando. Sim, e eles me contam desses mundos novos com suas cenas e ações e eu, maravilhada, agradeço, porque há tanto por conquistar e aprender, tanto por viver nessas histórias que eles trazem! E me(nos) contam com danças, poesias e gestos. Às vezes, não compreendo bem o que estão trazendo, e então é preciso me colocar no lugar deles, lá de onde eles vêm, de um já, de um momento agora, eu, que já cheguei faz tempo e estou envelhecendo. Então, como minha mãe fazia, conto a eles histórias do

passado, de quando eu era jovem como eles, e eles ficam tão surpresos e se divertem com o fato de que tenha existido um mundo assim, no qual vivi: sem internet, sem telefones celulares, sem televisão a cabo e outras coisas modernas. Penso que eles acham estranho também que eu tenha sido uma jovem rebelde de cabelos desgrenhados e que tenha tido uma moto vermelha.

E então repartimos nossas experiências e com elas, dia a dia, encontro a encontro, criamos momentos compartilhados de proximidade e beleza. Às vezes, rimos muito e, em outras horas, choramos todos porque simplesmente é assim que acontece.

O que seria uma pesquisa da presença senão o fato de estarmos todos ali, intensamente presentes uns frente aos outros, com nossas histórias, nossas certezas e incertezas, potências e fragilidades? E experimentando juntos dar forma a tudo isso num intenso exercício estético?

Recebido em: 01 de abril de 2019.

Aprovado em: 15 de setembro de 2019.

Publicado em: 20 de dezembro de 2019.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. (2002) *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- HERRIGEL, Eugen. (1992) *A Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen*. São Paulo: Pensamento.
- LÉVINAS, Emmanuel. (2010) *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70 LDA.
- PAREYSON, Luigi. (2001) *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes.
- VIANNA FILHO. Oduvaldo. (1999) *Vianinha*. São Paulo: Editora Brasiliense.